

## Amor, singeleza e duração: sobre um poema de Peter Handke

### *Love, “singeleza” and duration: on a poem of Peter Handke*

#### Resumo

*Este artigo explora, no Poema à duração de Peter Handke, a relação essencial entre amor e singularidade no horizonte da duração – eleito pelo poeta em referência à filosofia de Henri Bergson –, e procura mostrar como a experiência do amor, indissociável dessa singularidade que seria a marca da duração, do tempo incontornavelmente vivido, é uma experiência de singeleza, no sentido de uma sensibilidade poética investida de ternura capaz de captar o singular, o frágil, o fugaz, o pessoal e íntimo irredutíveis.*

**Palavras-chave:** amor, duração, singularidade, singeleza

#### Abstract

*This paper explores, in the Poem to Duration [Gedicht an die Dauer] by Peter Handke, the essential relation between love and singularity in the horizon of duration – chosen by the poet in reference to Bergson’s philosophy –, and tries to show how the experience of love, inextricable of the singularity that is the mark of duration, of time unavoidably lived, is an experience of “singeleza” – Portuguese word which, as we understand it here, points to a poetic sensibility invested of such a tenderness capable of capturing the irreducible singular, fragile, fleeting, personal and intimate.*

**Keywords:** love, duration, singularity, singeleza

\* Universidade de São Paulo (USP). Contato: laurabmoos@gmail.com

Recebido em: 26/05/2023 Aceito em: 19/07/2023

“Sim, este propósito, do qual com os anos nasce a duração, / [...] / Tem de ser o meu verdadeiro amor” (Handke, Poema à duração).

### Handke, Bergson, a intuição da duração e o eu profundo: introdução

Como epígrafe final ao seu *Poema à duração*<sup>1</sup>, Peter Handke cita a seguinte passagem da *Introdução à Metafísica*, de Bergson:

*Nenhuma imagem substituirá a intuição da duração, mas muitas imagens diferentes, retiradas das ordens de coisas muito diversas, poderão, concorrendo no seu movimento, dirigir a consciência exatamente para o ponto em que a intuição se torna inteligível (Bergson apud Handke, Poema à duração, p. 81).*

A escolha dessa passagem não apenas demonstra que o poeta toma a duração em sentido bergsoniano, como também sugere um desejo seu de oferecer uma *intuição* da duração, como que incitado pela filosofia de Bergson e atendendo ao seu apelo por um conhecimento intuitivo da essência da duração. Ainda que não seja nosso intento ler o poema de Handke *a partir* da filosofia de Bergson, como elucidaremos mais à frente, no sentido de um exemplo de obra artística explicada pela teoria filosófica, cabe iniciarmos por uma breve aproximação entre o sentido da duração nos dois autores e como a filosofia de Bergson, tal como é evocada por Handke, parece ela mesma justificar, ou ainda, incitar a escrita do *Poema à duração*.

Longe de configurar apenas um método epistemológico, a proposta bergsoniana de um conhecimento intuitivo irmana-se ao apelo por resgatar o tempo enquanto vivência interior, um tempo vivido intimamente e que se encontra esquecido sob a superfície de uma consciência socialmente determinada. Na contramão das solicitações externas, frequentemente utilitárias, que envolvem apenas um ‘eu superficial’, trata-se de resgatar a experiência existencial de maior densidade que envolve um ‘eu profundo’ – o eu que propriamente vive –, e para isso a filosofia precisa sintonizar seu caminho cognitivo. Um modo de conhecimento estritamente conceitual-científico permanece na superfície e é tão insuficiente em termos epistemológicos quanto, na prática, é pobre a vida de um eu apenas envolto nas demandas externas.

---

1 Utilizamos aqui a tradução portuguesa do *Poema à duração* feita por José A. Palma Caetano.

Acessar esse ser de maior densidade demanda uma auto-observação na qual o eu que conhece *se deixa viver*, abstendo-se “de estabelecer uma separação entre o estado presente e os estados anteriores” (Bergson, *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, p. 72), descobrindo com isso um eu cuja vida é um fluxo contínuo e indivisível de estados de consciência heterogêneos que se interpenetram e evoluem qualitativamente. Nesse estado de atenção que caracteriza a intuição, a consciência não apenas não separa os seus momentos entre si, como também não se separa da vida que observa: o eu sente-se vivendo enquanto (= durante) se conhece.

É com base nesse conhecimento intuitivo, inseparável da experiência vital, que Bergson afirma sua noção de liberdade nos termos de uma progressão de estados do espírito, um enriquecimento gradual do eu, em que seus estados de consciência se fundem e organizam numa totalidade harmônica, “como notas de uma melodia” (*Ensaio*, p. 75), até que irrompem na ação livre, “como um fruto maduro” (*Ensaio*, p. 123). A ação livre coincide com a própria vida; a vida literalmente cria a si mesma, ‘como uma melodia’. É, portanto, uma liberdade criativa, expressiva, na qual o fluxo da duração se enriquece até irromper em uma culminância, que seria expressão de todo o fluxo: uma ação em que o eu profundo se envolve e a alma inteira se expressa.

Bergson afirma que quando entramos nesse estado de atenção capaz de acompanhar a progressão ‘musical’ dos estados de consciência, obtemos “a imagem da duração pura” (*Ensaio*, p. 75). Não se trata de uma imagem qualquer, pois a intuição da duração é insubstituível por qualquer representação simbólica: como dito na citação ao fim do poema de Handke, “nenhuma imagem substituirá a intuição da duração...”. No entanto, “... muitas imagens diferentes (...) poderão, concorrendo no seu movimento, dirigir a consciência exatamente para o ponto em que a intuição se torna inteligível”. Essa formulação descreve a essência da duração mesma: as muitas imagens diferentes são como os estados de consciência que se interpenetram, dirigindo-se num mesmo fluxo para um mesmo ponto; essa direção sintônica que, na vida, leva ao ato livre, na intuição leva à inteligibilidade desse movimento. Justamente essa visada intuitiva conduz o pensamento de Bergson na direção de uma valorização da experiência estética, na qual há um envolvimento de toda a consciência no fluxo da experiência, como o fluxo de uma melodia. Além, é claro, das imagens poéticas do próprio Bergson, é como se a intuição bergsoniana da duração pedisse uma obra de arte capaz de realizar essa melodia da duração; necessariamente uma obra de arte de cunho temporal: não uma escultura, mas uma música ou um poema.

Handke parece justamente responder a Bergson na primeira estrofe de seu *Poema à duração*, ao dizer que, diante de tantas possibilidades discursivas e artísticas para se falar da duração, ela “exige um poema” [*drängt zum Gedicht*]. Precisamente por isso, também é preciso atentar para o fato de que a preocupação, inscrita na epígrafe final, com o método filosófico, não nos deve enganar sobre o que está em jogo no poema de Handke. É que, se de fato Handke está tão envolvido com a filosofia de Bergson a ponto de preocupar-se em triilhar uma espécie de método filosófico, muito mais preocupado ele está com a *vivência de uma singularidade como tal em duração*, ou seja, não com a intuição da duração pela via mais abstrata que é percorrida pelo filósofo – lembrando que Bergson se utiliza, justamente, de diversas imagens a fim de dirigir a consciência para a intuição da duração –, mas muito mais com as imagens únicas e singulares de *uma* vida única. Assim, a abordagem da duração é feita ao longo do poema na forma de uma espécie de discussão poético-filosófica que explica, até certo ponto conceitualmente, mas sempre de modo poético, o que é a duração, contudo esse pensamento mais abstrato entremeia-se o tempo todo e indissociavelmente à duração mesma dessa vida única, singular, que se resgata pela memória: um eu profundo singular. Handke opera em seu poema um verdadeiro mergulho na duração profunda de seu eu singular, um mergulho poético, em que a duração é tratada muito mais como um *sentimento poético* do que como uma intuição filosófica. Esse sentimento poético da duração, resgatado das profundezas da singularidade, será identificado pelo poeta ao próprio *amor*. Pois o amor, conforme revelado no *Poema à duração*, é precisamente o coração dessa experiência intensa e radical da singularidade em duração. Trata-se de uma experiência repleta de singeleza porque o amor, aqui, recai na esfera do íntimo vivenciado com ternura, em que ganham foco o simples, o pequeno, o singular, o frágil, o delicado.

Assim, ao conduzir a atenção para a unidade de uma vida única, o poeta chega a um resultado que é simultaneamente capaz de atingir um universal inteligível, como busca a filosofia, mas de uma forma diferente, possível apenas pela poesia. Se, para Bergson, a duração é subjetiva, uma duração interior que não se dá fora da consciência, o poema procura condensar essa subjetividade elevando sua singularidade irremissível a uma experiência conjunta de duração, sem perder a singularidade em prol da abstração conceitual filosófica. Nesse sentido, o poema de Handke pode ser visto como uma obra que acrescenta algo à filosofia de Bergson, dando um passo que não podia ser dado por ela (e tampouco seria sua função, enquanto filosofia), para além de ser meramente um “exemplo” de obra artística que pudesse ser “explicada”

pela obra do filósofo – como, aliás, a própria compreensão de Bergson sobre a arte parece corroborar, uma vez que para ele a importância do individual na obra de arte decorre naturalmente do fato de que esta é realizada por um eu profundo e singular; conforme Johanson (*Arte e intuição*, p. 97):

*Para o filósofo, a arte só se justifica a partir da pessoa do artista, é a possibilidade de expressão de sentimentos e ideias relacionados à experiência no plano de uma individualidade. Mas de um eu profundo - já que o artista é aquele cuja consciência direciona-se para além da superficialidade dos dados dos sentidos e do intelecto - do qual brotam os sentimentos mais puros e desimpedidos, do ponto de vista da ação ou de qualquer outro tipo de interesse que não sejam esses mesmos sentimentos. Estes são universais, isto é, dizem respeito a todas as pessoas na medida em que todos podem, por direito, experimentar a sua verdade. O poeta procura nos introduzir; pois, numa emoção que é tão nova para nós quanto o é para ele, e o que nos faz reconhecer-la como tal, nos diz Bergson, é o fato de nós também experimentarmos, em certa medida, o que o poeta experimentou: um ideal vivido realmente.*

O caráter insubstituível do poema no trato da duração mostra-se precisamente no fato de conduzir à experiência mesma da singularidade e da singularidade, as quais aparecem em Bergson de formas alusivas, no próprio sentido da duração interior e em tantas das imagens de que o filósofo se vale para conduzir à intuição da duração (como a imagem do balanço que conduz ao sono, *Ensaio*, p. 76), mas que no poema de Handke ganham uma dimensão ainda mais clara e aprofundada, pois nele é o próprio singular que constitui a duração intuída/sentida. Em vista dessa especificidade da experiência poética, portanto, naturalmente aquilo que é dito no poema também não poderia ser inteiramente dito numa obra filosófica. São, enfim, meios distintos: discurso filosófico e discurso poético, associados a duas, por assim dizer, intensidades distintas da intuição da duração, em que a poesia se aproxima do singular e íntimo e a filosofia mantém-se na esfera do universal-conceitual. É possivelmente por isso que se podem encontrar também divergências de natureza conceitual entre ambos; pois, por exemplo, a identificação da duração ao amor proposta por Handke seria mais difícil de defender no horizonte da filosofia de Bergson (algo que, entretanto, demandaria um estudo por si). Ou seja, se Handke em grande medida se apropria da duração em sentido bergsoniano, realiza com ela o seu próprio trabalho, que se sustenta nele mesmo e que é, propriamente, o tema deste texto.

Antes de passarmos ao poema, cabe observar que, tendo ele mais de 20 páginas, não se pretende de modo algum realizar uma análise linha-por-linha em um texto tão breve como este. Fazê-lo talvez também não fosse de grande ajuda, pois na verdade uma das razões para a extensão do poema é justamente a exigência que ele faz ao leitor para que mergulhe na singularidade e duração desta vida que nele se expressa, mergulho que não pode ser substituído por análise alguma.

### Singularidade, duração, amor: uma experiência poética

*Há já muito tempo que pretendo escrever sobre a duração,  
não um ensaio, uma peça de teatro ou uma história –  
a duração exige a poesia.  
Quero interrogar-me num poema,  
lembrar-me num poema,  
afirmar e conservar num poema  
o que é a duração.  
(Handke, Poema à duração, p. 23)*

O *Poema à duração* inicia asseverando a relação essencial entre duração e poesia, no sentido de que somente um poema poderia dar conta do que seja a duração. No original alemão, traduzido por “a duração exige a poesia”, a afirmação é ainda mais forte: *die Dauer drängt zum Gedicht*, quer dizer, a duração *compele* ao poema, ela *força*, ou *se força* para um poema.... A elucidação do porquê dessa exigência, dessa exclusividade, é o próprio poema, é claro: apenas lendo e sentindo o poema é que se pode captar *que e como* ele logra “interrogar, lembrar, afirmar e conservar” o que é a duração. Mas a resposta começa a ser dada pelo poeta de maneira direta logo na sequência:

*A duração é algo que já tantas vezes senti,  
nos prenúncios da Primavera na Fontaine Sainte-Marie,  
na brisa nocturna da Porte d’Auteuil,  
ao sol estival da região do Karst,  
a caminho de casa, às primeiras horas da madrugada, após uma comunhão com o meu ser.]*

Essa duração o que foi?  
 Foi um espaço de tempo?  
 Algo de mensurável? Uma certeza?  
 Não, a duração foi um sentimento,  
 o mais fugidío dos sentimentos,  
 que passa muitas vezes mais depressa que um instante,  
 imprevisível, impossível de dirigir,  
 impalpável, imensurável.  
 (...)

(Handke, *Op. cit.*, p. 23)

A duração exige um poema porque ela é um sentimento. E esse sentimento, em seu ser fugidío, imprevisível, impalpável e imensurável, é indissociável de uma singularidade, como é claramente afirmado acima, uma vez que a duração foi sentida nesses eventos únicos de uma vida única, eventos que se repetem e ganham sentido nessa vida e de modo algum fora dela.

Dissemos na introdução que a abordagem da duração é feita ao longo do poema na forma de uma discussão poético-filosófica que explica, até certo ponto conceitualmente (mas sempre de modo poético) o que é a duração, e que esse pensamento mais abstrato sempre vem entremeado à duração mesma dessa vida singular que se resgata pela memória. Com efeito, como se pode notar, tudo é singularizado: a duração que tantas vezes senti nos prenúncios da primavera, na Fontaine Sainte Marie, na brisa noturna da Porte d'Auteuil, ao sol estival da região do Karst... Os locais evocados o são com intimidade, e posteriormente o poeta designará esses locais em que decorre a experiência da duração de “locais da duração”, como lugares de intimidade em que essa experiência singular e profunda pode acontecer de modo todo especial. “Feliz todo aquele que tem os seus locais da duração;/ porque, mesmo que para sempre seja forçado a partir para uma terra estranha,/ sem esperança de regressar ao seu próprio ambiente,/ não será jamais um expatriado” (Handke, *Op. cit.*, p. 53), dirá ele, dando como exemplo o Lago de Griffen, aonde em criança acompanhava seu avô, e que é para ele um “grande lugar da duração” (Handke, *Op. cit.*, p. 55).

Handke começa com isso a dar a marca da singularidade que acompanhará todo o poema. E é na linha dessa valorização da singularidade que, já nesse início, ele consegue dar uma expressão bastante forte à duração, pois ao mesmo tempo em que a situa no plano do singular que é o mais fugidío e impalpável, ele afirma, à revelia desse caráter impalpável, quicã precisamente por força disso, a força da duração:

(...) *E, no entanto, teria podido, com a sua ajuda,  
rir-me para qualquer adversário e desarmá-lo,  
fosse ele qual fosse,  
teria transformado a opinião  
de que sou uma pessoa má  
na convicção profunda:  
“Ele é bom!”,  
e, se houvesse um deus,  
o sentimento da duração seria há muito seu filho  
(Handke, Op. cit., p. 25).*

Essa força é simultaneamente uma força poética. O sentimento da duração exige um poema porque é um *sentimento poético*. A duração, ela mesma, é poética. Quem for “capturado” pelo poema perceberá isso desde as primeiras linhas, contudo o poeta faz questão de formular isso também de forma direta, associando duração e poesia em termos literais: “O impulso da duração/ já começa por si a entoar um poema,/ marca um compasso sem palavras,/ segundo o qual,/ como um ingrediente libertador,/ nas artérias me pulsa uma epopeia/ em que no fim o bem há-de vencer” (Handke, *Op. cit.*, p. 77). Outra passagem, ao falar dos lagos aonde ia na infância, alude ao embalo da duração: “[...] reina nos dois lagos/ o mesmo doce sossego próprio da duração/ e, sempre que posso, procuro ir, tanto a um como a outro, em fundo recolhimento” (Handke, *Op. cit.*, p. 59).

É nesse sentido poético-musical que o poeta se concentra em seu desejo e intuito de dizer o que é a duração, como dito nesta outra passagem: “... quero aproximar-me/ da essência da duração,/ poder sugeri-la,/ considerá-la de forma justa,/ fazê-la vibrar,/ essa essência que continuamente me impulsiona” (Handke, *Op. cit.*, p. 40). É precisamente a uma expressão para esse sentido poético-musical que ele chega ao narrar um acontecimento específico, que, de acordo com ele, o fez conseguir definir o que é a duração:

*... e consegui definir nessa altura o sentimento da duração  
como um acontecimento do acto de escutar,  
do acto de compreender,  
de ser abraçado,  
de ser envolvido,  
por o quê?, por um outro sol,  
por um vento refrescante,*

*por um brando acorde feito de silêncio,  
que leva à união e à perfeita sintonia de todas as dissonâncias  
(Handke, Op. cit., pp. 25 e 27).*

São indissociáveis aqui o poético do caráter singular, insubstituível, único, dessa vida que se resgata pela memória. Handke conduz a duração a um sentido de vida profunda, quase de uma respiração profunda e profundamente consciente, em que se faz sentir a melodia de uma vida singular, que se sente tocar a si mesma, como um ser envolvido, nesse “brando acorde feito de silêncio”. Quem puser-se a ler o poema do início ao fim perceberá: o próprio poema cria um movimento profundo, marítimo por assim dizer, em que no embalo da poesia as coisas singulares e queridas vão e vêm, trazendo ao leitor o caráter único da vida do poeta. E é preciso que sejam coisas vividas em circunstâncias distintas, ao longo do tempo, coisas que se retomam, que criam esse sentido de todo.

*“Prolonga-se por dias, dura anos”:  
Goethe, meu herói  
e mestre da expressão simples e prática,  
mais uma vez acertaste:  
a duração tem a ver com os anos,  
com as décadas, com o nosso tempo de vida;  
a duração é o sentimento da vida.  
(Handke, Op. cit., p. 27).*

Vale observar que essa singularidade, por íntima que seja, não se identifica a uma particularidade no sentido do que se restringe ao que não pode ser comunicado, mas refere-se ao singular que se aproxima do universal<sup>2</sup>, ou seja, que por associação com nossas próprias experiências podemos reencontrar no outro. Note-se que os locais singulares evocados pelo poeta, por exemplo, já no comecinho do poema – a Fontaine Sainte Marie, a Porte d’Auteuil, na brisa noturna ou ao sol estival da região do Karst – são evocados desde uma intimidade do poeta que conta com um reconhecimento do leitor, não importando a distância entre eles; ou seja, o poeta por assim dizer conta com o universal presente nessa singularidade – confirmando o pensamento

---

2 Sobre essa diferença entre o singular e o meramente particular vale mencionar em especial a reflexão de José Miranda Justo em «Singularity, Universality and Inspiration in their Relation to Artistic Creation», pp. 33-35.

de Bergson, de que o artista expressa a vida de seu eu profundo e singular como um “ideal vivido realmente”, que pode ser experimentado por outros eus profundos.

A propósito desse eu profundo, o poeta destaca que não se deve confundir a duração com os aspectos superficiais do cotidiano, que não é esse o sentido de tempo e de repetição evocado de Goethe. E isso não porque a duração não possa estar atrelada ao trivial, já que Handke, ao contrário, valoriza precisamente o que, sendo o mais singular, não se deixa denominar de modo grandioso e externo; mas porque a duração, se é a “aventura do trivial cotidiano” (Handke, Op. cit., 39), não recai jamais na esfera do que é vivido trivialmente no sentido negativo da palavra. Vimos a valorização que o poeta faz do que é singular, a começar por aqueles locais da duração que lhe são tão estimados: os “grandes lugares da duração”, assim chamados em razão dessa ternura que se lhes tem, e que, apenas aparentemente de modo paradoxal, não são grandes no sentido do “grandioso”:

*E os locais da duração também nada têm de notável,  
muitas vezes nem estão assinalados em nenhum mapa  
ou não têm no mapa qualquer nome.  
Nenhum forasteiro conhece o “Lago de Griffen”  
e mesmo algumas crianças da minha aldeia natal  
já hoje não sabem  
que existe ali perto um lago,  
do qual, entre as duas guerras,  
havia postais ilustrados com nenúfares  
e impressos os nomes da povoação e do lago: “Griffen am Griffener See”.  
E, no entanto, esse charco, em que as aluviões se vão depositando  
e que deve brevemente desaparecer por completo  
- assim pensam os autores do traçado da autoestrada -  
é para mim um grande lugar da duração.  
Em criança acompanhava o meu avô,  
que ia lá cortar erva para os animais.  
(Handke, Op. cit., pp. 53-55).*

A aparente detração como algo menor e irrelevante com que Handke inicia o trecho na verdade visa a ressaltar o caráter ainda mais especial, porque íntimo e singular, desses locais – lembrando, de certa forma, aquele olhar de Alberto Caieiro para o rio de sua aldeia, mais especial que o grandioso Tejo<sup>3</sup>. É nesse aparentemente menor que ganham espaço as vivências e memórias mais queridas, insubstituíveis, irredutíveis, como os dias passados com o avô.

Em todas essas situações o sentimento da duração é atravessado por algo que bem podemos designar por ternura: uma apreciação, um zelo e carinho pelas coisas vividas, pelos locais em que foram vividas. Essa ternura pelas coisas remete a uma singeleza, uma capacidade de apreciação de coisas que podem ser tão pequenas mas que – por isso mesmo – são tão significativas:

*É também peculiar o sentimento da duração  
em face de certas coisas pequenas,  
quanto mais simples mais impressionantes:  
daquela colher  
que me acompanhou em todas as mudanças de casa,  
daquela toalha  
pendurada nas casas de banho mais diversas,  
do bule e da cadeira de verga  
durante anos guardados numa cave  
ou arrumados em qualquer outro lado  
e agora, finalmente, de novo no lugar,  
não no que era habitual, é certo,  
mas, apesar disso, no seu lugar.  
(Handke, Op. cit., p. 53).*

A ênfase do poeta na singularidade é indissociável desse apreço pelo mais singelo – desde o rio que as multidões desconhecem por não remeter a um renome, a Porte d’Auteuil por onde ele passa como num lugar querido e não como num cartão postal, às coisas pequenas que perduram no tempo acompanhando-o ao longo da vida. É essa singeleza, e singularidade, e intimidade,

---

3 “O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia./ Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia./ Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia./ O Tejo tem grandes navios/ E navega nele ainda./ Para aqueles que veem em tudo que lá não está./ A memória das naus./ O Tejo desce de Espanha/ E o Tejo entra no mar em Portugal./ Toda a gente sabe isso./ Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia/ E para onde ele vai/ E donde ele vem./ E por isso, porque pertence a menos gente./ É mais livre e maior o rio da minha aldeia [...]” (PESSOA, 2005, p. 45).

e ternura, que dão a tais coisas o seu lugar, como termina o trecho acima, e que dá ao poeta o seu lugar, como que abraçado por essas coisas, conforme ele dissera no outro trecho que vimos e no qual define o sentimento da duração como um “ser abraçado”, um “ser envolvido”, “por um brando acorde feito de silêncio,/ que leva à união e à perfeita sintonia de todas as dissonâncias”.

Nunca são, vale notar, apenas as coisas por si sós, os lugares por si sós, que condensam o sentimento da duração. Eles o fazem porque são queridos, são queridos porque condensam em si a vida singular, e, mais que isso, eles se tornam queridos porque condensam o amor. Não é casual que o rio guarda a lembrança do avô, e a sequência do poema, com efeito, vai afinando cada vez mais o sentido da duração até chegar ao amor, como que atravessando as camadas de consciência, em sentido bergsonianano, rumo ao mais profundo e singular: “E qual é este propósito/ de que não me posso afastar?/ Ele aparecerá no afecto/ aos seres vivos/ – e a um deles – / e na consciência de uma profunda harmonia” (Handke, *Op. cit.*, p. 42). Para falar do amor, Handke começa por valer-se do mesmo jogo de contraste, em que aparentemente detrata algo como aparentemente menor para, a partir daí, justamente destacar que se trata do mais essencial:

*Sim, este propósito, do qual com os anos nasce a duração,  
é na sua essência algo de insignificante,  
de que não vale a pena falar,  
mas que vale a pena registrar através da escrita:  
porque tem de ser o mais importante para mim.  
Tem de ser o meu verdadeiro amor.  
(Handke, *Op. cit.*, p. 43).*

Não se trata, na verdade, de nada insignificante, mas de algo tão delicado e sutil, que alcançá-lo só é possível “se conseguir/ não me afastar do meu propósito/ e ao mesmo tempo ser prudente, / agir com atenção e devagar/ cheio de presença de espírito até à ponta dos cabelos” (Handke, *Op. cit.*, p. 41). Essa diligência para alcançar a intuição da duração no poema é a mesma que se requer na própria vida:

*E, para que nasçam para mim os momentos da duração,  
imprimindo uma marca na minha face rígida  
e implantando um coração no meu peito vazio,  
tenho de,*

*imperiosamente,  
 exercitar, ano após ano,  
 o meu amor.  
 Não me afastando deste propósito,  
 que me é caro e para mim o mais importante,  
 impedindo desse modo que ele se extinga,  
 sinto então talvez,  
 e exclusivamente de forma inesperada,  
 o arrepio da duração,  
 e de cada vez em coisas sem importância,  
 ao fechar cautelosamente uma porta,  
 ao descascar com cuidado uma maçã,  
 ao transpor com atenção a soleira de uma porta,  
 ao procurar uma linha de coser.  
 (Handke, Op. cit., p. 43-5),*

É com essa atenção à delicadeza, à diligência do amor, a essas coisas aparentemente insignificantes, triviais, mas que compõem o exercício do amor no tempo, que ele conclui: “o poema à duração é um poema de amor” (Handke, *Op. cit.*, p. 45). Se a força da duração, como vimos, fora afirmada justamente em razão de seu caráter fugidivo e impalpável, atrelado ao mais singular, esse impalpável ganha ainda mais força no momento em que se revela, como seu centro, o amor. Que gestos mais delicados e por vezes inadvertidos como fechar cautelosamente uma porta, descascar com cuidado uma maçã, procurar uma linha de coser, poderiam mais intensamente, e ao mesmo tempo com tanta sutileza, condensar o sentido do amor, do exercício do amor no tempo?

Dois serão os ápices do poema no resgate desse amor – como não poderia deixar de ser – tão singularizado do poeta: o amor à mulher amada e o amor ao filho. Na passagem culminante em que ele condensa o sentido do encontro amoroso em uma única cena, unificando o encontro no sentido de encontro das singularidades, do encontro corporal e do instante único, localizado, do encontro – logra aproximar o leitor de sua vivência única, obtendo aquele sentido de universalidade indescritível que, como dissemos anteriormente, ocorre por associação de experiências.

*O poema da duração é um poema de amor.  
 Trata de um amor à primeira vista,  
 a que se segue ainda numerosos olhares como esse primeiro.*

*E este amor não tem a duração em nenhum acto,  
mas sim num antes e depois,  
em que, mediante o outro sentido do tempo do acto de amar,  
o antes foi também depois  
e o depois também antes.  
Já nos tínhamos unido  
antes de nos termos unido,  
continuamos a unir-nos  
depois de nos termos unido  
e ficámos assim durante anos,  
deitados ao lado um do outro,  
anca contra anca,  
respiração na respiração.  
Os teus cabelos castanhos tomaram a cor vermelha  
e enloureceram.  
As tuas cicatrizes multiplicaram-se  
e ficaram depois impossíveis de encontrar.  
A tua voz foi estremecendo,  
tornou-se mais firme, sussurrou, tremeu,  
transformou-se numa melopeia,  
era o único som na noite de todo o mundo,  
por fim calou-se, a meu lado.  
Os teus cabelos lisos encresparam-se,  
os teus olhos claros escureceram,  
os teus dentes grandes ficaram pequenos,  
a pele bem esticada dos teus lábios  
adquiriu o aspecto de um desenho suave, delicado e macio,  
no teu queixo sempre liso  
descobriram os meus dedos uma leve depressão que nunca lá estivera,  
e os nossos corpos, em vez de um ao outro fazerem doer,  
uniram-se facilmente num só,  
enquanto na parede do quarto,  
à luz da lanterna vinda da rua,  
se moviam as sombras dos arbustos dos jardins da Europa,  
as sombras das árvores da América,  
as sombras das aves nocturnas de toda a parte.  
(Handke, Op. cit., pp. 45-7).*

Depois deste ápice que quase poderia ser o último grande momento do poema, o poeta ressalva que não se deve confundir a duração com o aspecto puramente carnal do amor: “Contudo, a duração/ não está ligada ao amor carnal./ Pode, do mesmo modo,/ envolver-te no amor ao teu filho continuamente exercitado.” (Handke, *Op. cit.*, p. 47). E a partir daí toda a singularidade que fora evidenciada no amor à mulher em grande parte pela expressão do amor carnal ganhará um tom ainda mais terno, voltado para a pequenez, para a fragilidade, para o sentimento de proteção para com a criança.

*E também aqui não se trata, por exemplo, de traduzir em afagos,  
carícias e beijos esse amor,  
mas de o fazer apenas através de um rodeio pelas coisas secundárias,  
pelo régio caminho através de um terceiro!,  
do serviço prestado por amor,  
de modo que, servindo a criança,  
não lhe perturbes o sossego:  
a duração com o teu filho  
aviventa-se talvez  
nos momentos em que escutas com paciência,  
no momento em que tu,  
com o mesmo gesto circunspecto  
com que há uma década  
penduravas no cabide  
o sobretudo de capuz azul “de tamanho infantil”,  
penduras agora o casaco de camurça castanho de “tamanho adulto”  
num outro cabide e numa outra cidade,  
a duração com o teu filho  
pode avassalar-te  
sempre que tu, fechado há horas no escritório,  
com um trabalho que te parece útil,  
procurando no silêncio o elemento que ainda te faltava  
para que tudo fique certo,  
ouves o ruído da porta que se abre,  
sinal do regresso a casa,  
que a ti,  
o mais sensível dos sensíveis ao ruído,  
mesmo que ao mesmo tempo estejas mergulhado no trabalho,  
te soa aos ouvidos como a mais bela música.*

*E a duração com o teu descendente  
sente-la talvez de forma mais intensa  
quando o observas sem ele te poder ver:  
o olhas no seu percurso diário, te adiantas ao autocarro em que ele entrou,  
para depois, na fila dos estranhos que vão à janela,  
veres passar por ti  
o rosto mais familiar,  
ou simplesmente imaginas vê-lo ao longe  
entre os outros, protegido pelos outros,  
respeitado pelos outros,  
na multidão que se comprime no metropolitano.  
(Handke, Op. cit., pp. 47- 51).*

A sutileza, o impalpável da duração, em que residem justamente a sua força, atingem aqui seu máximo grau, na delicadeza que atravessa o amor ao filho. O que poderia ser mais sutil e ao mesmo tempo capaz de condensar o amor do que essa passagem em que toda a ternura se concentra, e que toca o inefável do amor no “rodeio pelas coisas secundárias”, no “régio caminho através de um terceiro”... na delicadeza de expressões tão simples como “o sobretudo de capuz azul de tamanho infantil”... A força da duração – inseparável, aqui, do amor – é declarada no sentimento de ser avassalado ao ouvir o filho chegar em casa, na percepção do “mais sensível dos sensíveis ao ruído”, como “a mais bela música”, ou ao ser inesperadamente tocado pelo gesto de pendurar a roupinha do filho num cabide, que atravessa o tempo reencontrando-se em outro casaco, em outra cidade, já com outro tamanho, outra idade... A singularidade amada se destaca nessa imagem do rosto mais familiar que se reconhece por entre a multidão, por entre os estranhos, no desejo profundo de que esteja protegida.

O poeta conclui, sobre esses momentos da duração, que para eles “permite-se o poema usar um verbo especial:/ eles constelam-te” (Handke, *Op. cit.*, p. 51). Esse constelar sugestivamente retoma aquele sentido, já antes mencionado pelo poeta, “de ser abraçado,/ de ser envolvido,/ [...] por um outro sol./ por um vento refrescante,/ por um brando acorde feito de silêncio,/ que leva à união e à perfeita sintonia de todas as dissonâncias”, só que acrescentando talvez um sentido mais forte de totalidade: como a constelação que é feita de várias estrelas, aqui a unidade-totalidade de uma vida que, em momentos especiais, é abraçada por determinados momentos especiais que se repetem ao longo de uma vida que perdura, dando-lhe esse sentido, justamente, de totalidade.

O amor, manifesto na ternura através das coisas secundárias, vai de certa forma tecendo aquela conciliação das dissonâncias, dando à vida esse sentido de todo, o sentimento da duração. O poema reproduz esse sentimento único de uma vida única no fluxo e embalo poético de memórias que vêm e vão e, como que numa constelação em movimento, presentificam/condensam esses momentos todos na unidade harmônica do poema. O eĺa vital desse movimento é o amor: desde aquele declarado aos lugares da duração no comecinho do poema àqueles que são o ápice do amor – nesse caso, a mulher amada e o filho.

### Considerações finais

Se retomamos a correlação com Bergson feita na Introdução, podemos notar que o *Poema à duração* parece realizar, com exímia intenção, o movimento de uma expressão livre do eu profundo, precisamente numa obra de arte em que a personalidade inteira se expressa, com todo seu fluxo profundo de vivências interiores significativas. O *Poema à duração* pode ser pensado tanto como aquele fruto maduro que é a ação livre, quanto a culminância de um fluxo de imagens, em que a duração se torna inteligível, nesse caso, em uma intuição poética. Com isso, Handke faz jus à citação final de Bergson, correspondendo ao sentido mesmo de sua filosofia.

Mas, para além de uma intuição da duração, no sentido puramente filosófico, o poema carrega a especificidade de tratar a duração como uma experiência poética que, aos poucos, no decorrer do poema, vai-se revelando uma experiência de amor: “o poema à duração é um poema de amor”. A vida interior, a singularidade profunda que dura tem na experiência do amor o seu fundamento. E esse amor só existe no tempo, nessa duração singular de uma vida: “E, para que nasçam para mim os momentos da duração./ imprimindo uma marca na minha face rígida/ e implantando um coração no meu peito vazio./ tenho de./ imperiosamente./ exercitar, ano após ano./ o meu amor” (Handke, *Poema à duração*, p. 43).

Dissemos inicialmente que o amor no *Poema à duração* é indissociável de uma experiência de singeleza inscrita no cerne de uma singularidade que se experimenta de modo intenso e radical no horizonte da duração, e que o foco do poema é o simples, o pequeno, o singular, o frágil, o delicado, o que

pertence à esfera do íntimo vivenciado com ternura. Ao fim de nossa leitura, podemos dizer que o próprio poético é, no *Poema à duração*, feito dessa singeleza que se encontra na ternura pelas coisas – os lugares da duração, as coisas que, “quanto mais simples mais impressionantes”, acompanham o poeta ao longo da vida – e, fundamentalmente, pelas pessoas. O poema de Handke trata de modo bastante incisivo dessa singeleza, trazendo para a vida um olhar centrado na intimidade, na ternura, no afeto, no próprio amor – pensado todo o tempo de modo inseparável da singeleza – como fundamento existencial. Mirando-se o todo das imagens do poema e seu sentido, o olhar para as pequenas coisas, a sutileza e delicadeza com que elas presentificam o sentimento da vida, o amor mais difícil de expressar, e que se expressa em gestos como o atravessar de uma porta, o descascar de uma maçã, essa apreciação do que se encontra na esfera do simples, do pequeno, do frágil e do fugaz, fica-se com a nítida sensação de que essa singeleza, atravessada de amor, é aqui o próprio coração dos sentimentos do belo e do sublime.

## Referências

- BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- HANDKE, Peter. *Poema à duração*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- JOHANSON, Izilda. *Arte e intuição – a questão estética em Bergson*. São Paulo: Humanitas, 2005.
- JUSTO, José Miranda. «Singularity, Universality and Inspiration in their Relation to Artistic Creation», in *Sztuka i Filozofia*, 45 – 2014, Uniwersytet Warszawski Instytut Filozofii, ISSN: 1230-0330, pp. 32-43.
- PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.